

POEMAS

DE HILDEBERTO BARBOSA FILHO

CONVERSA COM POETA

Também amo, Jorge Cooper,
“o anonimato das ruas”,
principalmente se desconhecida
a cidade.

Não sou alagoano,
mas amo Jorge de Lima,
Graciliano.

E desde cedo aprendi
a acariciar a solidão das velhas praças,
das esquinas desoladas
por onde não passa ninguém.

Essa é a poesia que me tem!

FINADOS

Dia de finados
no campo.

Mais me envolve o hábito
de pensar na morte.

Um sol sem cor
desaparece lentamente.

Cala-me uma linguagem
sem signos
e nem a secreta geometria
do espanto calcula os numerais
da morte.

Não existe geografia possível.

Apenas alcanço os decretos
do deserto e da acidez.

Estou lúcido
com meus mortos.

Tudo que finda é legível.

EU

Do fundo da estante,
Augusto me espia.

Ainda não atravessei
a ponte Buarque de Macedo,

e me sufoca o silêncio
dessa Ilha de Cipango.

Ouçó apenas
a música dos vermes
na solidão

(aqui e lá fora).

VERÃO

É verão
e tento proteger o sol
dentro de mim.

O que me aquece,
nessa tristeza de verão,
é o frio de aço
das duras calçadas
da alma.

É verão
e as pessoas nem estão
mais alegres.

(Tudo é claro, quente, triste!).

O sol explode
dentro de mim
enquanto me despeço
das outras estações.

HILDEBERTO BARBOSA FILHO (PARAÍBA) – Poeta, professor e crítico literário. Doutor e Mestre em Literatura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tem dezenas de livros de poemas, estudos e ensaios sobre a produção literária paraibana e nordestina. Destaque para as obras: *Nem morrer é Remédio (Poesia)* e *Convivência Crítica (Ensaios)*